

Manual Pedagógico Professores | Fichas descarregáveis» Ficha “Musgos(ros) Vivos”

Enquadramento: Há casas nos muros e nos musgos! Por vezes, a natureza está mesmo ao virar da esquina e surge em todo o lado e em qualquer tamanho (mesmo pequenino); é preciso, por isso, “abrir o olho”! Os muros e os musgos, na orla dos campos e em mosaicos agroflorestais, são *micro-habitats* frequentes, que são importantes preservar e descobrir.



Curiosidades:

» Os musgos podem servir de refúgio a pequenos insetos, que durante o inverno mais rigoroso, encontram aí esconderijo face a predadores. Os musgos servem também como matéria-prima, para forro de ninhos e de tocas. Já foram mais usados como isolamento, “lenha” e até forro para fraldas (a sério!).

» As briófitas - onde se incluem todas as espécies de musgo -, são plantas muito sensíveis e podem ser utilizadas como indicadores de poluição de água e do ar.

» Em muros de pedra solta (sem cimento) abrigam-se vários répteis como a lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*) ou a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*), entre outros (tomando como referência a Serra da Aboboreira).

» Os muros são *habitats* artificiais onde se encontra uma flora peculiar, particularmente nos muros que dividem as propriedades agrícolas e nos que delimitam os caminhos de acesso a zonas florestadas.

» Na zona de influência, ou na sombra dos muros frescos, é frequente encontrar fetos como o polipódio (*Polypodium interjectum*), o urtigão (*Urtica urens*) e cerefolho (*Chaerophyllum temulum*) (tomando como referência a Serra da Aboboreira).

Atividade:

Objetivos da atividade: Ajudar a desenvolver uma maior sensibilidade com o mundo natural, descobrir biodiversidade em *habitats* artificiais, desenvolver uma ligação mais íntima com a natureza circundante, estimular o sentido de observação e conhecer para preservar o património natural local

Abordagem: Sensorial, científica, artística

Duração (tempo de exploração): 1h30

Idades: A partir dos 5 anos

Número de participantes: Turma/grupo de alunos*

Materiais necessários: Vendas para olhos, lupas, cadernos de desenho e lápis de carvão, máquinas fotográficas

*Também poderá ser desenvolvido com grupos de pais e filhos

Preparação:

Antes da saída de campo ter lugar, os participantes devem comprometer-se a respeitar os espaços naturais visitados, observando e explorando, mas não perturbando a vida silvestre (e claro, não deixando resíduos). Deverão utilizar roupa e calçado confortáveis e adequados à época do ano.

Descrição da atividade:

1ª fase - Numa área murada e “musgada” (com musgo, entenda-se!), colocar o grupo em fila indiana, com os olhos vendados, e de lado para o muro escolhido. O docente convidará os alunos a sentirem (tatearem) o musgo e a pedra. É importante que os pequenos naturalistas não

conversem entre si durante este tempo. Após retirarem as vendas, convidar o grupo a colocarse em roda e partilhar as impressões sentidas. Registrar, para utilização na discussão em sala de aula, as sensações sentidas pelo grupo.

2ª fase - Formar pequenos grupos ou pares para observação do muro e do musgo a olho nu e à lupa. Usar ferramentas naturais - como um pau do tamanho do braço do observador -, para verificar “gentilmente” a existência de insetos e outros seres pequeninos a habitar o muro explorado*. Usar a lupa para observar as particularidades do musgo anteriormente sentido. Após um tempo pré-definido, registrar fotograficamente e/ou desenhar os seres encontrados. No caso da flora, considerar a recolha de pequenas amostras***, usando uma tira de fita autocolante, de cerca de 2 a 3 cm de largo, que pode ser fixa à volta do pulso dos participantes ou numa folha de registos/colagens. (Atenção! Não recolher o urtigão, porque é uma experiência sensorial dolorosa!)

*O responsável pela atividade deverá efetuar uma volta pelo muro de pedra para verificação de eventuais perigos a estar atento (pedras soltas, plantas reacionárias, etc.).

**Para crianças mais novas, ponderar a exploração apenas feita pela observação, sem contacto direto (mesmo que com uso de pauzinho).

*** Informação a ser partilhada no local (pelo docente/educador): Reza a lenda, que Charles Darwin, já em criança, gostava tanto de descobrir animais e plantas que cada vez que fazia uma “visita de campo”, trazia o máximo de espécies que podia em caixinhas, nos bolsos, e, quando não tinha mais espaço, na boca (que nojo!). Prefiram a observação *in loco* (no local) e não toquem ou guardem bichinhos ou plantas (desta poder-se-á apenas recolher amostras).

3ª fase - Na sala de aula, compilar toda a informação e a vida encontrada nestes musgos e muros de pedra. Refletir sobre a importância destes *microhabitats* para a biodiversidade local. Investigar, conforme o contexto curricular, o ciclo de vida do musgo, a reprodução sexual, o *habitat*, entre outros. Recordar que, a conservação dos muros de pedra antigos, construídos pelo Homem - por já serem um local de abrigo de anfíbios, répteis e insetos ou casa para fungos

e líquenes -, é uma medida de conservação/incremento da biodiversidade (LPN, 2013) e que, os musgos e os líquenes são, atualmente, considerados como bons biomonitores.

Atividades pós ação (extracurricular):

» Procurar, em família, musgos existentes nas imediações da casa. Lembrar que se podem encontrar musgos - para além dos muros de pedra -, em árvores, em vedações, em paredes e em locais rochosos.

» Criar “novos muros vivos”, em locais autorizados, com amontoados de pedra e/ou lenha de tamanhos e formatos diferentes a que se pode juntar terra e restos de vegetação.